

EDDY DE WIND

**ÚLTIMA
PARADA:
AUSCHWITZ**

Meu diário de sobrevivência

Tradução do holandês
Mariângela Guimarães





Em 1943 o médico judeu Eddy de Wind se voluntariou para trabalhar em Westerbork, o campo de trânsito para a deportação de judeus localizado no leste da Holanda. De Westerbork os internos eram mandados para campos de concentração, inclusive Auschwitz e Bergen-Belsen. Tinham dito a Eddy que sua mãe seria isenta de deportação em troca de seu trabalho – na verdade, ela já tinha sido mandada para Auschwitz. Em Westerbork, Eddy conheceu uma jovem enfermeira judia chamada Friedel. Eles se apaixonaram e se casaram no campo. Até que, em 1943, ambos foram transportados num trem de carga para Auschwitz.

Diferente de tantas pessoas que chegavam a Auschwitz, eles não foram mortos imediatamente. Mas foram separados: Eddy foi para o Bloco 9, como parte da equipe médica, e Friedel para o Bloco 10, onde experimentos de esterilização, entre outros, eram conduzidos

— . —

por médicos nazistas, incluindo os notórios Josef Mengele e o ginecologista Carl Clauberg.

De alguma maneira, tanto Eddy como Friedel sobreviveram.

Quando os russos se aproximaram de Auschwitz no outono de 1944, os nazistas tentaram encobrir seus rastros. Fugiram levando consigo muitos prisioneiros que receberam ordem de caminhar em direção à Alemanha, entre eles Friedel. Estas caminhadas, que mais tarde ficaram conhecidas como Marchas da Morte, tinham intenção de erradicar todas as evidências das atrocidades cometidas nos campos de concentração.

Eddy se escondeu e permaneceu no campo; ainda levaria meses até o fim da guerra. Ele se uniu aos libertadores russos. Durante o dia, ele cuidava de soldados russos e dos sobreviventes que os nazistas tinham deixado para trás, com frequência muito doentes. À noite, tendo encontrado lápis e caderno, começou a escrever furiosamente sobre suas experiências em Auschwitz.

Traumatizado, criou o personagem Hans para ser o narrador de sua própria história. Diferente de alguns outros casos, o horror de sua experiência ainda era tão vívido que ele não conseguiu encontrar palavras para descrever aquilo em primeira pessoa.

Esta é a história de Eddy.



A que distância ficam aquelas montanhas azuis? Quão ampla é a planície que se estende na luz brilhante do sol de primavera? Um dia de marcha, para pés livres. Uma hora a cavalo, em trote rápido. Para nós é mais longe, muito mais longe, infinitamente longe. Aquelas montanhas não são deste mundo, não do nosso mundo. Pois entre nós e as montanhas há os fios.

Nosso anseio, a batida selvagem dos nossos corações, o sangue que corre para a cabeça, de nada adianta. Afinal, entre nós e a planície há os fios. Duas carreiras de fios, sobre os quais brilham suaves lâmpadas vermelhas, como sinal de que a morte nos espreita, a todos nós que estamos presos aqui neste quadrado de duas carreiras de fios de alta tensão e um muro alto, branco.

— . —

Sempre a mesma imagem, sempre a mesma sensação. Ficamos nas janelas de nossos blocos ansiando pela sedutora distância e nosso peito ofega de tensão e impotência. Entre nós dois há 10 metros. Eu me debruço para fora da janela quando anseio pela liberdade distante. Friedel não pode nem mesmo fazer isso, é prisioneira de um grau mais elevado. Eu ainda posso me movimentar livremente pelo campo. Nem isso Friedel pode fazer.

Moro no Bloco 9, um bloco de doentes comuns. Friedel mora no Bloco 10. Lá também há pessoas doentes, mas não como no meu bloco. Comigo estão pessoas que ficaram doentes pela crueldade, pela fome e pelo trabalho excessivo. Essas ainda são causas que levam a doenças diagnosticadas como naturais.

O Bloco 10 é um bloco de experimentos. Lá vivem mulheres que foram violadas, por sádicos que se autodenominam professores, de uma forma como uma mulher jamais havia sido violada, no que ela possui de mais bonito: seu ser-mulher, seu poder-ser-mãe.

Uma menina que tem que se entregar à paixão selvagem de um bruto descontrolado também sofre, mas o ato, ao qual ela sucumbe inerte, brota da própria vida, da pulsão de vida. No Bloco 10, não é a pulsão, o desejo em erupção – é um delírio político, um interesse financeiro.

Sabemos de tudo isso quando olhamos para essa planície do sul da Polônia, quando queremos correr atravessando os prados e pântanos que nos separam dos Beskides azuis no nosso horizonte. No entanto sabemos ainda mais. Sabemos que, para nós, também há um único fim, uma única libertação deste inferno de arame farpado: a morte.

Sabemos que a morte também pode nos chegar aqui de diversas formas.

Pode vir como uma guerreira leal, contra a qual um médico pode lutar. Embora essa morte tenha aliados torpes – a fome, o frio e os parasitas –, continua sendo uma morte natural, a ser classificada entre causas oficiais de morte.

Mas, para nós, ela não virá assim. Virá da maneira que veio para os milhões que nos precederam aqui. Virá para nós sorradeira e invisível, quase sem cheiro.

Sabemos que é apenas uma carapuça que encobre a morte aos nossos olhos. Sabemos que essa morte é uniformizada, porque na torneira de gás há um homem com um uniforme: SS.

Por isso ansiamos tanto quando olhamos para as montanhas azuis, que estão a apenas 35 quilômetros de distância, mas, para nós, perpetuamente inacessíveis.

Por isso me debruço tanto pela janela em direção ao Bloco 10, onde ela está.

Por isso as mãos dela agarram tão fundo na tela de arame que fecha as janelas.

Por isso ela encosta a cabeça contra a madeira, porque o desejo por mim deve permanecer insaciado, assim como nosso anseio pelas altas montanhas azuis.

A grama nova, os brotos marrons dos castanheiros irrompendo e o sol de primavera brilhando cada dia mais magnífico pareciam prometer uma nova vida. Mas sobre a terra jazia a frieza da morte. Era a primavera de 1943.

Os alemães estavam nas profundezas da Rússia, porém as chances na guerra ainda não haviam tido um revés.

Os aliados do Ocidente ainda não haviam pisado no continente.

O terror que grassava pela Europa tomava formas cada vez mais violentas.

Os judeus eram os brinquedos dos opressores. Jogavam com eles um jogo de gato e rato. Noite após noite eles roncavam seus motores pelas ruas de Amsterdã, percutiam suas patas-de-botas-de-couro e rosnavam ordens pelos canais antes tão tranquilos.

Depois, em Westerbork, o rato muitas vezes era de novo solto por um instante. As pessoas podiam se movimentar livremente pelo campo, chegavam encomendas e as famílias permaneciam intactas. Então todos escreviam suas bem-comportadas cartas para Amsterdã dizendo “estou bem”, de maneira que outros novamente se rendiam sem resistência à *Grüne Polizei*.¹

Em Westerbork, os judeus tinham a ilusão de que talvez tudo não fosse tão ruim, que tinham sido retirados da sociedade, mas em algum momento retornariam de seu isolamento.

“Quando a guerra acabar / E a gente de novo para casa voltar”, assim começava uma canção muito popular. Não só não viam seu futuro destino, havia até mesmo aqueles que tinham coragem – ou era cegueira? – de começar ali uma nova vida, começar uma nova família. Todos os dias, o dr. Molhuijsen vinha ao campo em nome do prefeito da cidadezinha de Westerbork, e numa linda manhã – em um dos nove lindos dias de abril – Hans e Friedel compareceram diante dele.

1. *Ordnungspolizei* ou *Grüne Polizei* (polícia verde) era a polícia uniformizada da Alemanha nazista. (N.T.)

Eles eram dois idealistas, ele tinha 27 anos e era um dos médicos mais conhecidos do campo. Ela tinha apenas 18. Conheceram-se na seção que ele chefiava e onde ela era enfermeira.

“Pois sós não somos nada / mas juntos somos um”, ele havia escrito num poema para ela e esta era a expressão correta para os sentimentos de ambos. Superariam isso juntos. Talvez conseguissem ficar em Westerbork até o fim da guerra, do contrário lutariam juntos na Polônia. Pois algum dia a guerra haveria de terminar, ninguém acreditava numa vitória alemã.

Assim passaram meio ano juntos. Viviam na “sala do médico”, uma caixa de papelão, separada do grande barracão com 130 mulheres. Não moravam sozinhos, havia mais um médico alojado na sala e mais tarde tiveram que dividi-la com mais dois casais. Certamente um ambiente pouco adequado para construir uma vida de recém-casados. Mas isso não teria tido a menor importância se não houvesse os transportes: mil pessoas toda terça-feira de manhã.

Homens, mulheres, velhos e jovens, inclusive bebês e mesmo os doentes. Apenas um número muito pequeno, que Hans e os outros médicos conseguiram provar que estavam doentes demais para passar três dias no trem, podia ficar para trás. Fora isso, os privilegiados: batizados, os que tinham contraído um casamento inter-religioso, antigos residentes, que já estavam no campo desde 1938, e aqueles que pertenciam aos quadros permanentes, como Hans e Friedel.

Havia uma lista de funcionários com mil nomes, mas continuavam a vir das cidades pessoas que tinham que ser protegidas, às vezes por ordens dos alemães, às vezes porque de fato tinham sido cidadãos notáveis, mas em geral porque eram velhos conhe-

cidos dos senhores do Conselho Judaico ou de antigos residentes, que tinham nas mãos as posições-chave. Então a lista de mil era revisada.

Na noite de segunda-feira, 13 de setembro de 1943, um funcionário do Conselho Judaico foi dizer a Hans e Friedel que eles tinham que se preparar para o transporte. Hans vestiu-se rápido e apressou-se a ir a todas as instâncias que trabalhavam sob alta tensão na noite antes do transporte semanal. Dr. Spanier, o chefe do hospital, ficou sinceramente aborrecido. Hans já estava no campo fazia um ano. Tinha trabalhado duro e havia muitos que chegaram depois e nunca tinham feito nada. Mas Hans agora estava na lista da equipe do Conselho Judaico, e se eles não pudessem mantê-lo, o serviço de saúde também não poderia fazer nada.

Às 8 horas, eles estavam com todos os seus pertences junto ao trem, que passava no meio do campo. Havia uma multidão enorme. Os agentes do *Ordedienst* e da *Fliegende Kolonne*² levavam as bagagens para o trem e dois vagões eram carregados com mantimentos para o trajeto. Os enfermeiros do hospital chegavam arrastando os pacientes, a maioria idosos que não conseguiam mais andar. Porém eles não podiam ficar, pois na semana seguinte também não conseguiriam caminhar, como agora. Aqueles que ficavam para trás, que permaneciam do outro lado do cordão, a algumas dezenas de metros do trem, com frequência choravam mais

2. Para proteger as pessoas da deportação, as lideranças do campo criavam todo tipo de emprego para os prisioneiros, por exemplo, no *Ordedienst* (serviço de manutenção da ordem) e na *Fliegende Kolonne* (coluna voadora), grupo responsável pela entrega de deportados na estação ferroviária do vilarejo vizinho de Hooghalen, usada antes que a estrada de ferro até Westerbork estivesse pronta. (N.T.)

do que os que partiam. À frente e atrás do trem, ia um veículo com soldados da SS para a vigilância, mas eles eram bastante razoáveis, até encorajavam a comunidade, pois os holandeses não podiam saber como os “seus” judeus realmente eram tratados.

Às 10h30, acontecia a partida. As portas dos vagões de carga eram trancadas por fora. Um último adeus, um último aceno pelos alçapões no alto dos vagões e eles estavam no transporte para a Polônia, para um destino desconhecido.

Hans e Friedel tiveram sorte. Ficaram num vagão só com jovens. Eram antigos amigos de Friedel do grupo sionista ao qual ela pertencera. Eram gentis e camaradas. Estavam em 38 num vagão. Era um número relativamente pequeno e se ajeitando um pouco, com as bagagens penduradas no teto, todos conseguiam encontrar um lugar no chão.

Os confrontos começaram durante o trajeto. Na primeira parada, os soldados da SS entraram nos vagões. Exigiram os cigarros e depois os relógios. Em seguida, foi a vez das canetas-tinteiro e joias. Os jovens deram risada, entregaram alguns cigarros avulsos e afirmaram não ter mais nada. Muitos deles eram originalmente alemães, já haviam lidado muitas vezes com a SS. Tinham saído vivos antes. Não seria agora que ficariam nervosos.

Eles não receberam comida durante os três dias. Nunca mais viram os estoques colocados no trem. Mas não tinha importância! Tinham trazido o suficiente consigo de Westerbork. De vez em quando, alguns podiam sair do vagão para esvaziar o barril cheio que servia como banheiro. Alegravam-se quando viam vestígios de bombardeamento nas cidades, mas, fora isso, a viagem transcorreu sem incidentes. No terceiro dia, o destino foi conhecido: Auschwitz. Era apenas uma palavra sem conteúdo, nem bom nem mau.

Chegaram à área de Auschwitz durante a noite.